

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA INTERNACIONAL
1993

Orquestra Filarmônica de Moscou

19 de Abril (Série Branca) e 20 de Abril (Série Azul)

Quarteto Beethoven de Roma

17 de Maio (Série Branca) e 18 de Maio (Série Azul)

Lazar Berman

26 de Maio (Série Branca) e 16 de Junho (Série Azul)

Camerata Acadêmica do Mozarteum de Salzburg

5 de Julho (Série Branca) e 6 de Julho (Série Azul)

Orquestra de Câmara da Austrália

9 de Agosto (Série Branca) e 10 de Agosto (Série Azul)

Nelson Freire

24 de Agosto (Série Branca) e 26 de Agosto (Série Azul)

Dame Kiri Te Kanawa

16 de Setembro (Série Branca) e 20 de Setembro (Série Azul)

Quarteto Guarneri

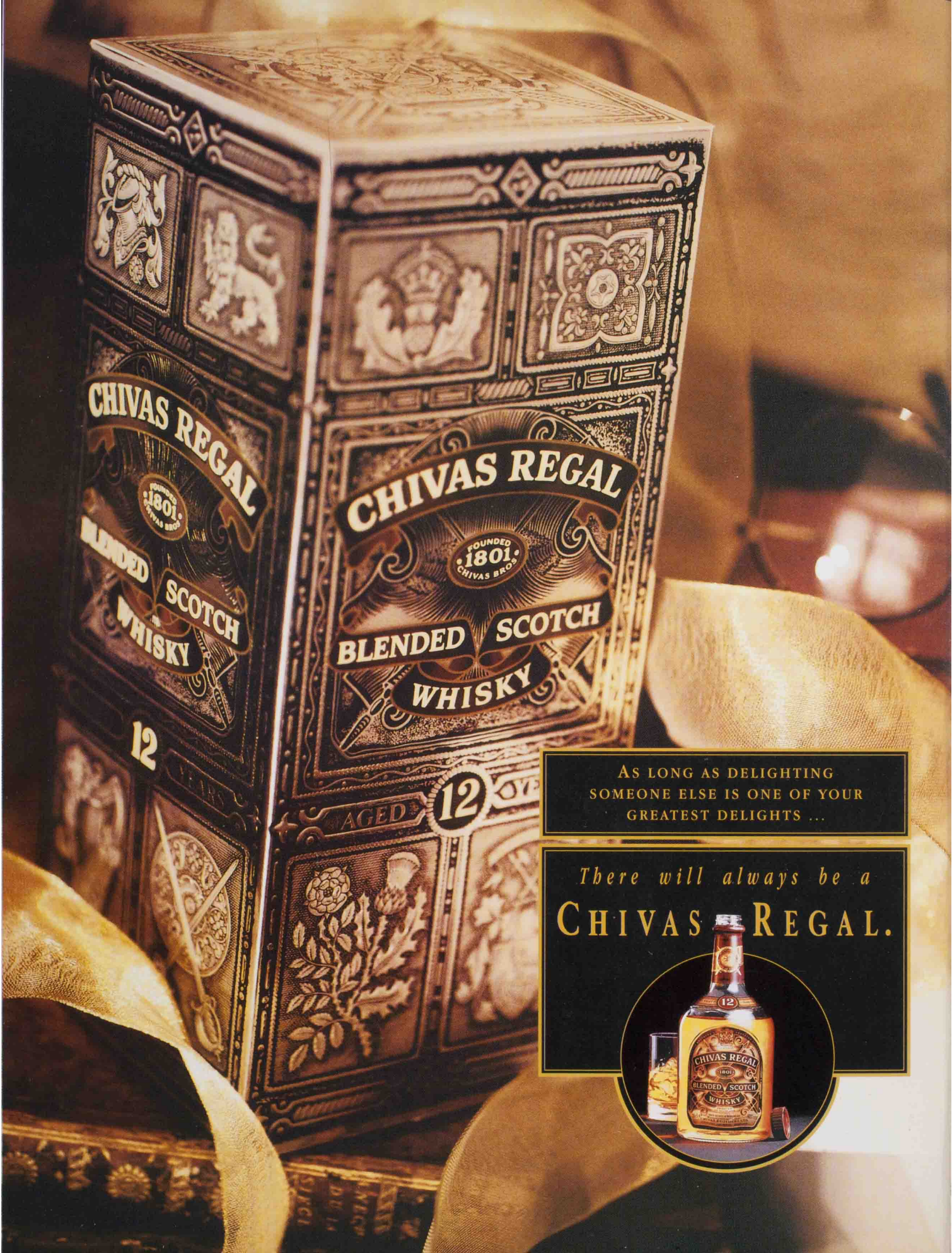
27 de Setembro (Série Branca) e 28 de Setembro (Série Azul)

Noite Romântica

13 de Outubro (Série Branca) e 14 de Outubro (Série Azul)

Wiener Symphoniker

17 de Outubro (Série Branca) e 18 de Outubro (Série Azul)



AS LONG AS DELIGHTING
SOMEONE ELSE IS ONE OF YOUR
GREATEST DELIGHTS ...

There will always be a
CHIVAS REGAL.



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

APRESENTA

WIENER SYMPHONIKER

Orquestra Sinfônica de Viena

Regente: RAFAEL FRÜHBECK DE BURGOS

Promoção:



Patrocínio



 **BANCO ITAMARATI**

VOTORANTIM





ORQUESTRA SINFÔNICA DE VIENA

Deve-se parte substancial da vida musical da capital austríaca à ORQUESTRA SINFÔNICA DE VIENA, uma vez que esta orquestra oferece cerca de 130 concertos anuais. Trata-se do principal conjunto sinfônico vienense, tendo em vista que a outra grande orquestra, a Filarmônica, é basicamente a orquestra da Opera. Os membros da Orquestra Sinfônica são responsáveis pelas séries de concertos apresentados nas duas principais salas de Viena: o Musikverein e o Konzerthaus; também apresentam audições especiais e gravações para a Rádio austríaca. A Orquestra organiza suas próprias funções, ciclos musicais especiais, concerto de Ano Novo (a Nona Sinfonia de Beethoven), um concerto de Páscoa conhecido como "Primavera em Viena" (retransmitido por televisões de muitos países) e uma série de música de câmara a cargo de membros da Orquestra.

Outros compromissos da Orquestra Sinfônica de Viena incluem: o Festival de Bregenz, do qual participa desde 1947, os concertos de Viena, e a tournée anual pelas províncias austríacas. No Festival de Viena, também atua como orquestra

de ópera: neste campo, vale mencionar como marcos importantes, a estréia em 1962 de "LULU" de Alban Berg no Wien Theater sob a direção de Karl Bohm, e, dois anos depois, a de "DAFNE" de Richard Strauss, sob a mesma batuta. Ambos acontecimentos se enquadram dentro dos mais brilhantes capítulos da história da Orquestra na vida musical de Viena.

Furtwangler, Richard Strauss, Bruno Walter, Karl Bohm, Klemperer, Karajan, Josef Krips e Abbado são alguns dos mais famosos regentes convidados da Orquestra Sinfônica de Viena. Maazel, Dohnanyi, Ozawa, Prêtre, Sawallisch, Giulini e Rozhdestvensky fizeram sua estréia em Viena com esta Orquestra e os três últimos tornaram-se seu regente titular. Georges Prêtre foi seu principal regente convidado. Rafael Frühbeck de Burgos ocupa o posto de regente titular desde o outono de 1991.

A lista de mais de 900 obras cuja estréia se deu na Sinfônica de Viena é impressionante: entre elas, vale mencionar a Sinfonia nº 9 de Bruckner, em 1903, "Gurrelieder", de Schoenberg (1913), o Concerto para a mão esquerda de Ravel (1932), o "Livro dos Sete Selos", de Franz Schmidt (1938), "Jesus Hochzeit", de Gottfried Einem (1980).

ORQUESTRA SINFÔNICA DE VIENA

Diretor

Rafael Frühbeck de Burgos

Concertinos

(Principal)

Jan Pospichal
Florian Zwiauer
N. N.

Prof. Stefan Plott
Iwan Dimitrov

Primeiros Violinos

Christian Birnbaum
Gerhard Breuer
Maximilian Dobrovich
Roxana Dura
Franz Michael Fischer
Nicolas Geremus
Peter Michael Grosch
Prof. Eugen Hodosi
Karl Höffinger
Christian Kallinger
Doris Köstenberger
Martin Lehnfeld
Friedrich Miksovsky
Helmut Mitter
Walter Pflüger
Edwin Prochart
Prof. Peter Schoberwalter
Prof. Kurt Weidenholzer

Segundos Violinos

Thorwald Almassy
Prof. Peter Katt
Rainer Hornek
Stephan Achenbach
Christian Blasl
Leopold Buchmann
Prof. Michael Dittrich
Prof. Heinz Grünberg
Manfred Heinel
Timon Hornig
Gottfried Justh
Helmut Kinateder
Christian Knaus
Helmut Lackinger
Richard Motz
Wolfgang Schuchbaur
Erwin Spuller
Prof. Ferdinand Svatek
Mag. Wolfgang Trauner

Violas

Johannes Flieder
Herbert Müller
Gerhard Kanzian
Roman Bernhart
Werner Frank
Prof. Vladimir Haklik
Georg Haselböck
Christian Kaufmann
Karl-Heinz Krumpöck
Franz Moschner
Martin Ortner

Roland Roniger
Ulrich Schönauer
Prof. Tomislav Sestak
Prof. Richard Strabl
Prof. Kurt Theiner
Peter John Waite

Violoncelos

Prof. Wilfried Rehm
Walther Schulz
Attila Székely
Kentaro Yoshii
Wolfgang Aichinger
Prof. Friedrich Geyerhofer
Prof. Fritz Hiller
Karl Krumpöck
Werner Lill
Andreas Pokorny
Peter Roczek
Peter Siakala
Günther Thomasberger
Prof. Eberhard Zwölfer

Contrabaixos

Prof. Peter Stepanek
Ernst Weissensteiner
Prof. Eduard Hruza
Prof. Werner Buchmann
Hermann Eisterer
Werner Fleischmann
Prof. Oskar Moser
Prof. Jaroslav Oboda
Prof. Firmin Pirker
Christian Roscheck
Andreas Sohm

Flautas

o. Prof. Herbert Weissberg
Mag. Robert Wolf
Rudolf Huber
Raphael Leone
Alexandra Uhlig

Oboés

Clemens Horak
Klaus Lienbacher
Mag. Peter Schreiber
Prof. Alfred Dutka
Dr. Ernst Kobau

Clarinetas

Gerald Pachinger
Mag. Reinhard Wieser
Wilfried Gottwald
Siegfried Küblböck
Gottfried Mayer

Fagotes

Richard Galler
Patrick De Ritis
Peter Spitzl
Prof. Wolfgang Kühn
Wolfgang Kuttner

Trompas

Eric Kushner
Hector McDonald
Bernhard Kircher
Alois Schlor
Josef Eder
Elmar Eisner
Prof. Othmar Berger
Hermann Klug

Trompetes

Heinrich Bruckner
Karl Steininger
Karl Brugger
Prof. Hermann Schober
Prof. Richard Schwameis

Trombones

Prof. Ernst Hoffmann
Dietmar Küblböck
Johann Jeitler
Prof. Helmut Ascherl
o. Prof. Horst Küblböck

Tuba

o. Prof. Klaus Schafferer

Tímpanos

Martin Kerschbaum
Michael Vladar

Percussão

Friedrich Philipp
Prof. Walter Seitinger
Erhard Wetzter

Harpa

Volker Kempf

Inspetor e Arquivista

Prof. Dr. Ernst Istler
Wolfgang Buresch

Montadores

Herbert Engel
Josef Giffinger
Georg Kainz

Secretariado

Elfriede Pichler
Isolde Rapp
Beatrice Swoboda

Secretário Geral

Dr. Rainer Bischof

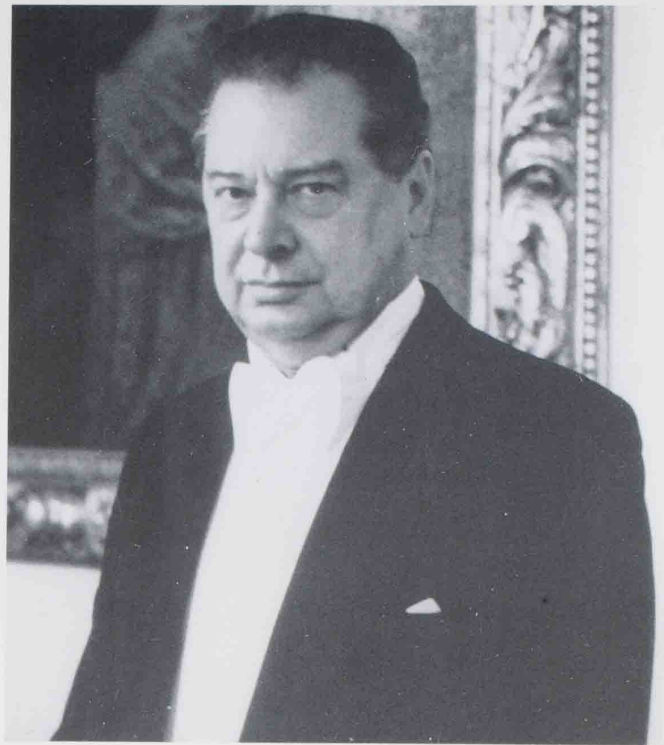
Assistente

Tournée Sulamericana
Jorge Perez

RAFAEL FRÜHBECK DE BURGOS

Rafael Frühbeck nasceu em Burgos em 1933. Estudou violino, piano, teoria da música e composição nos Conservatórios de Bilbao e Madrid; posteriormente, estudou regência de orquestra no Conservatório de Música de Munique, onde se formou "Suma cum Laude". Ganhou também o Prêmio Richard Strauss. Rafael Frühbeck foi diretor da Orquestra de Bilbao, da Orquestra Nacional da Espanha, durante 16 anos, da Orquestra Sinfônica de Dusseldorf e da Orquestra Sinfônica de Montreal. Foi também Principal Regente Convidado, durante 10 anos da National Symphony Orchestra de Washington D.C. e da Nippon Yomiuri Orchestra de Tokyo. Desde outubro de 1991, é diretor titular da Wiener Symphoniker e desde 1992 ocupa o mesmo cargo na Deutsche Oper de Berlim.

A partir de seu debut profissional com a Orquestra Sinfônica da Philadelphia, dirigiu praticamente todas as principais orquestras norte-americanas. É regente convidado habitual das Filarmônicas de Berlim, Munique e Hamburgo, das diversas orquestras da Rádio Alemã, bem como das cinco orquestras londrinas. Com frequência, apresenta-se na Itália, Suíça, França, Suécia, Dinamarca e Finlândia, além de reger regularmente a Filarmônica de Israel e as grandes Sinfônicas Japonesas. Na qualidade de regente convidado, já dirigiu mais de cem orquestras sinfônicas em todo o mundo. Rafael Frühbeck já realizou tournée pelo Japão, Israel, França, Bélgica, Espanha e Suíça com a Orquestra Filarmônica de Londres; pela Itália, França, Áustria e Espanha com a Orquestra



Sinfônica de Londres; pela Alemanha, Itália, França, Suíça, Hong Kong e América do Sul com a Orquestra Nacional da Espanha; e pela Alemanha, Áustria e Suíça, com a Sinfônica da Rádio de Estocolmo.

A discografia de Rafael Frühbeck inclui mais de cem títulos com os selos Emi, Decca, DGG, Columbia (Espanha), Nimbus, Collins Classics e Orfeo; algumas dessas gravações são consideradas como "clássicas", como por exemplo, "Elias e Paulus", de Mendelssohn, bem como as obras completas de Manuel de Falla, incluindo "Atlantida" e "La Vida Breve".

RICHARD GALLER - fagote

Nasceu em Graz, na Áustria, em 1967. Começou a estudar fagote em 1980 no Conservatório de Graz com o professor Johann Benesch. Continuou seus estudos na Academia de Música "Mozarteum", com Milan Turkovic, entre 1984 e 1988.

Richard Galler obteve vários prêmios: Primeiro Prêmio "Jugend musiziert", Prêmio Especial da Rádio da Baviera no Concurso Carl-Maria von Weber e Segundo Prêmio no Concurso IDRS de Manchester.

Desde 1987, é primeiro fagote da Orquestra Sinfônica de Viena. Faz parte de vários conjuntos de câmara, entre outros o Quinteto de Sopros da Sinfônica, "Vienna Concertino" e Ensemble do



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Domingo, 17 de outubro às 21 horas

GOTTFRIED VON EINEM
(1918-)

Capricho para orquestra, Op. 2
Allegro - Largo - Allegro

WOLFGANG AMADEUS MOZART
(1756-1791)

Concerto para fagote e orquestra em si bemol maior, K. 191
Allegro
Andante
Rondó
Solista: Richard Galler

INTERVALO

BÉLA BARTÓK
(1881-1945)

Concerto para orquestra
Introduzione
Giucoco delle coppie
Elegia
Intermezzo interrotto
Finale

2ª feira, 18 de outubro às 21 horas

LUDWIG VAN BEETHOVEN
(1770-1827)

Sinfonia nº 1, em dó maior, Op. 21
Adagio molto - Allegro con brio
Andante cantabile con moto
Menuetto: Allegro molto e vivace
Finale: Adagio - Allegro molto e vivace

INTERVALO

RICHARD STRAUSS
(1864-1949)

Uma Vida de Herói, Op. 40
O herói
Os adversários do herói
A companheira do herói
O campo de batalha do herói
As obras de paz do herói
Solista: Jan Pospichal

Gottfried von Einem (1918)

Compositor austríaco nascido na Suíça, von Einem trabalhou na Ópera de Berlim e em Bayreuth, antes de ter problemas com a Gestapo nazista, durante a Segunda Guerra Mundial. Na época, auxiliou na fuga de várias pessoas procuradas pelo regime hitlerista. Grande importância teve na sua carreira o compositor Boris Blacher, então tido oficialmente como “artista degenerado”, de quem foi aluno. Seu reconhecimento internacional veio com a ópera “A Morte de Danton”, estreada no Festival de Salzburgo de 1947. O temperamento artístico de von Einem sempre foi marcado pelo neoclassicismo (no âmbito da música instrumental) e pelo expressionismo (no tocante à produção operística).

Elaine Padmore disse a seu respeito: “As palavras ‘conservador’ e ‘ecletico’ não são de maneira alguma pejorativas quando aplicadas à música de von Einem: ele absorveu brilhantemente as modernas tendências para forjar uma linguagem que é, a um só tempo, individual e ingenuamente eloqüente”. Alguns chegam mesmo a considerá-lo um dos mais autênticos herdeiros de Mahler e Strauss. O seu Capricho para orquestra, op. 2 foi ouvido pela primeira vez em 1943. É obra profundamente romântica e suas três seções são apresentadas sem interrupção. Ao enérgico **Allegro** segue-se um expressivo Largo, bastante melódico, que acaba por dar espaço a um novo Allegro, vigoroso e bem humorado.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

Mozart escreveu muitos concertos para instrumento solista e orquestra. Entre eles encontram-se os para piano (27), violino (6), trompa (4), flauta (2), para flauta e harpa, para clarineta, além de duas sinfonias concertantes (uma para sopros, outra para cordas) e de um concertone. O compositor entregou-se a esse gênero desde a infância, inclusive por ser virtuose tanto do piano quanto do violino, empregando algumas dessas obras para se mostrar ao público como grande instrumentista que ele era. Várias dessas partituras nasceram de encomendas que lhe foram feitas, tarefa da qual se desincumbia com extraordinária velocidade. Apenas esse aspecto da sua produção seria suficiente para colocá-lo entre os maiores criadores de todos os tempos. O **Concerto** para fagote e orquestra em si bemol maior, K. 191 data da primavera de 1775, ano em que Mozart fazia 19 anos. Nesse mesmo período, escreveu dois outros concertos para fagote, até hoje desaparecidos. Esse concerto que nos chegou foi redescoberto apenas em 1934. Ele pertence ao período “galante” do compositor que, àquela altura, dobrava-se às exigências da música feita

para consumo desprezioso, sem que com isso, naturalmente, ele abdicasse do seu gênio. No **Allegro** de abertura, o longo prelúdio orquestral está escrito de maneira bastante elaborada. Percebe-se um requintado trabalho temático no permanente jogo estabelecido entre o solista e a orquestra. O **Andante ma adagio**, por sua vez, fundamenta-se em um único tema mostrado inicialmente em fá maior, de recorte atraente, que o autor não se cansa de expandir. O **Rondó** final, em tempo de minueto, explora os contrastes entre **solí** e **tutti**, entre refrão e variantes, com cativante imaginação.

Béla Bartók (1881-1945)

O desenvolvimento da carreira criativa de Bartók assemelha-se à de outros contemporâneos seus — Stravinsky e Schoenberg, por exemplo —, na medida em que, depois de uma fase revolucionária, voltou-se para o reformismo conciliador. O Concerto para orquestra pertence ao final de sua carreira. Escreveu-o nos Estados Unidos, para onde havia ido fugindo da guerra e onde seu talento era pouco reconhecido. Morreu na pobreza em Nova York. E foi ali mesmo, em 1º de dezembro de 1943, que se deu a estréia da obra com a Orquestra de Boston regida por Serge Koussevitzky, que havia encomendado a partitura. O Concerto para orquestra deve seu título ao fato de um ou vários instrumentos do aparato sinfônico receberem destaque em muitos momentos da obra, lembrando remotamente o concerto grosso barroco. A Introdução (**Andante non troppo**) desenrola um tema lento, influenciado pela música húngara, logo ligado a uma seção em forma-sonata (**Allegro vivace**) baseada em dois temas. No Jogo dos duplos (**Allegretto scherzando**), cinco pares de instrumentos de sopro são mostrados em sucessão. A forma é de canção (A-B-A) e comporta motivos de danças em meio aos quais desponta um solene coral de aspecto religioso, dado aos metais graves. A Elegia (**Andante non troppo**) também é em forma de **Lied**, com uma pequena seção introdutória e encerrada por uma breve coda. Um tema grave e fúnebre domina esse movimento. O Interlúdio interrompido (**Allegretto**) tem, nas suas partes extremas, um tema cantante e de sabor folclórico. Em seu centro há uma citação paródica da Sinfonia Leningrado de Shostakovich, associada à valsa de A Viúva Alegre de Léhar, com o que Bartók pretendia demonstrar que a vulgaridade deve ser denunciada tanto quanto a tirania. O **Finale (Presto)** é um moto perpétuo em forma-sonata, com os temas de danças tratados em contraponto, que culmina em uma estrondosa e turbilhonante fuga dupla.

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

“Clássica” para alguns, “romântica” para outros, a produção de Beethoven continua em pauta ainda hoje, instante em que há quem a considere ora “moderna”, ora “pós-moderna”. Em certa medida, a comodidade das etiquetas simplificadoras é uma resposta a uma intervenção criativa sem paralelos na História da Música. É bem um sinal que o teor revolucionário dessa obra não foi ainda inteiramente domesticado pelo hábito, pela sua exposição excessiva à escuta.

A Sinfonia nº 1, em dó maior, op. 21 (1799-1800) causou certo espanto na estréia, devido às partes entregues às madeiras e metais, então consideradas excessivas, meramente “militares”. Hoje, vê-se nela uma espécie de “adeus ao século XVIII” — ao universo clássico das sinfonias de Haydn e Mozart, portanto. O primeiro movimento (**Adagio molto - Allegro con brio**) é aberto por uma espantosa dissonância. Depois desse alerta, o **Allegro** exhibe dois temas de base — o primeiro imperioso, o segundo melódico. A forma-sonata (Exposição-Desenvolvimento-Recapitulação) é tratada com vigor e maestria; grande importância é dada à parte do Desenvolvimento. O **Andante cantabile con moto**, em fá maior, também é em forma-sonata, seguindo o modelo do professor de Beethoven, Haydn. Essencialmente lírico, evolui através de uma atmosfera já denominada de “serenidade quase objetiva”. O **Menuetto: Allegro molto e vivace**, novamente na tonalidade fundamental da partitura, dó maior, é considerado o movimento mais original da partitura. Isso porque apesar de referir a dança aristocrática e rococó, se estabelece como um vigoroso e algo rústico **scherzo** já bem beethoveniano. O **Finale** tem uma introdução bastante curiosa, na qual uma escala de dó maior é repetida cinco vezes antes de ser completada. Segue-se o animado **Allegro** escrito em forma-sonata sobre dois temas contrastantes, com o clima oscilando entre o de um alegre rondó e o de um musculoso **scherzo**.

Richard Strauss (1864-1949)

Ao lado de Mahler, Strauss dividiu as responsabilidades e as honras de levar a música austro-germânica para além das fronteiras anteriormente demarcadas, de maneira colossal, por Wagner. Sobrevivendo a Mahler por várias décadas, Strauss viu de maneira impassível as várias revoluções operadas no domínio musical em nosso século, continuando fiel ao seu ideário pós-romântico. Sobrevivente, em nossa época, de toda uma rica herança do passado, ele foi mestre em praticamente todos os gêneros tradicionais — canção, ópera, música de câmara, música sinfônica. Seu poema sinfônico **Ein Heldenleben, op. 40** (Uma vida de herói) foi ouvido pela primeira vez em 1899. Com um enorme efetivo instrumental, o compositor organizou essa “narrativa sonora” de mais de 40 minutos de duração, em que as cinco partes são finamente unidas e onde onze temas principais disputam a atenção do ouvinte. Logo nos primeiros compassos é exibido, pelas trompas e cordas, o tema-chave da partitura (“O herói”), amplo e majestoso. Ele aparece seguido de três idéias secundárias, que voltarão a circular pela obra. Vem, então, um episódio de caráter caricatural (“Os adversários do herói”), que retrata os críticos do artista de maneira impiedosa. Logo depois, é estabelecida uma apaixonada cena de amor (“A companheira do herói”), com a musa sendo simbolizada por um virtuosístico e temperamental violino solista. Segue-se “O campo de batalha do herói”, página guerreira e agressiva, de enorme fúria sonora. O longo e apaziguado trecho de encerramento do poema sinfônico (“As obras de paz do herói”) deixa aflorar, aqui e ali, autocitações que o autor retirou de obras compostas anteriormente, como Don Juan e Assim falou Zaratustra.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

A Cultura Artística é uma entidade particular, sem fins lucrativos, a mais antiga organização produtora de espetáculos em São Paulo. Trabalhamos com recursos provenientes da venda de assinaturas e ingressos de nossas apresentações e da cessão de nosso Teatro para as mais variadas atividades, incluindo peças teatrais, concertos, shows, seminários e convenções.

Para tornar possíveis nossas realizações, entretanto, necessitamos contar com o apoio de pessoas físicas e jurídicas. Queremos aqui agradecer a todos aqueles que, por meio de doações e patrocínios, prestigiaram nossas mais recentes Temporadas.

American Express
Associação Alumni
Association Française d'Action Artistique
Banco Cidade
Banco de Boston
Banco Itamarati
Banco Itaú S.A.
Duratex S.A.
English Lavender de Atkinsons
Fundação Japão
Gail S.A.
Gillette do Brasil
Heublein do Brasil
Instituto Goethe
JP Morgan
NEC do Brasil
Rádio Eldorado
Rhodia
S.A. Indústrias Votorantim
Seagram do Brasil
Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa
The British Council
Unibanco
USIS

Se você quiser participar das apresentações programadas para este ano, entre em contato conosco. Teremos satisfação em vincular o nome de sua empresa em toda a divulgação de nossos espetáculos.

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196
01303-010 São Paulo SP
Fone: 256.0223
Bilheteria: 258.3616



**Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.**

**DECIDA-SE PELOS
MELHORES
INVESTIMENTOS.**

**DECIDA-SE
PELO**



BANCO ITAMARATI

**AV. PRES. JUSCELINO KUBITSCHEK, 1830 - TORRE 3- 12º AND.
(011) 829.9433 - SÃO PAULO - SP - CEP 04543-900**